

Cenário Musical Pernambucano: Reflexões a propósito do músico Fábio Valois

*Márcia C. De Miranda Lyra
Pós-graduanda do curso de especialização em
cultura pernambucana da Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE*

RESUMO: Pernambuco, ao longo de sua história musical, vem contribuindo para a construção, preservação e difusão da memória cultural do nosso País. O estado destaca-se, dentre as outras regiões, pela mistura de sons, estilos, imagens e ritmos que enriquecem sua música, estimulando o aparecimento de novos compositores, novas orquestras e grupos diversos que, além de se incorporarem ao acervo musical e cultural da região, conseguem romper fronteiras e divulgar a música pernambucana em suas performances individuais mundo afora. Combinando diversos gêneros musicais e adepto a fusões de estilos numa virtuose instrumental, o pianista, maestro e tecladista Fábio Valois constrói sua trajetória e performances musicais, tendo por base a valorização da música regional nordestina, pelo uso improvisacional da estrutura do jazz na concepção de novas idéias para seus arranjos e suas composições melódicas. Este trabalho foi baseado em entrevista concedida no dia 20 de janeiro de 2007, na residência do artista e tem por objetivo apresentar a vitalidade da música em Pernambuco, através das impressões, questionamentos e reflexões de alguns aspectos da música contemporânea na visão de Fábio Valois, a partir de um recorte de sua trajetória pessoal e de seu acervo musical e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: música pernambucana, jazz, cultura, música instrumental

Um cenário musical

Dentre todas as formas de expressão artístico-cultural, a música é, sem dúvida, a que mais toca a sensibilidade humana e registra a cultura de um povo. Pernambuco, ao longo de sua história musical, vem contribuindo para a construção, preservação e difusão da memória cultural do nosso País. O estado destaca-se, dentre as outras regiões, pela mistura de sons, estilos, imagens e ritmos que enriquecem sua música, estimulando o aparecimento de novos compositores, novas orquestras e grupos diversos que, além de se incorporarem ao acervo musical e cultural da região, conseguem romper fronteiras e divulgar a música pernambucana em suas performances individuais mundo afora.

Foi a partir dos anos 90 que artistas e movimentos como o Manguebeat, de Chico Science; Eddie; Devotos; Mestre Ambrósio; Lenine; Alceu Valença; Silvério Pessoa e outros conseguiram despertar a atenção e o interesse do resto do país para o que estava sendo produzido na música urbana pernambucana. A qualidade e a nova proposta musical destes atores culturais também influenciaram o trabalho de novos músicos que agora despontam no cenário atual da música instrumental pela excelente qualidade musical e criatividade de suas composições e arranjos.

É importante destacarmos atores no cenário artístico contemporâneo como promoção de um esforço de estimular as novas gerações que os acompanham a também converter suas novas idéias em ações concretas e desta forma expressar ainda mais o acervo cultural do nosso estado. Por isto, dentre esta nova geração de representantes da musica instrumental e erudita que hoje fortalece o cenário da música instrumental em Pernambuco destacamos o tecladista, pianista, maestro, produtor, compositor e arranjador Fábio Ernesto Valois de Barros ou simplesmente Fábio Valois.

Combinando diversos gêneros musicais e adepto a fusões de estilos numa virtuose instrumental, Fábio Valois constrói sua trajetória e performances musicais, tendo por base a valorização da música regional nordestina, pelo uso improvisacional da estrutura do jazz na concepção de novas idéias para seus arranjos e suas composições melódicas. Este trabalho foi baseado em entrevista concedida no dia 20 de janeiro de 2007, na residência do artista e tem por objetivo apresentar a vitalidade da música em Pernambuco, através das impressões, questionamentos e reflexões de alguns aspectos da música contemporânea na visão de Fábio Valois, a partir de um recorte de sua trajetória pessoal e de seu acervo musical e cultural.

Uma história

Câncer é um signo profundo e lida com questões transcendentais do espírito e da alma, tendo na sensibilidade sua palavra-chave. Sob estes elementos simbólicos do zodíaco nasceu Fábio Valois, filho único, no dia 23 de junho de 1965. Recifense de pai alagoano e mãe pernambucana. A influência musical familiar veio de seus pais os quais tiveram grande participação na sua orientação vocacional para a música. A forte presença materna da D. Dóris Valois, professora de magistério, era cultivada na ajuda que dava aos seus deveres de Escola e o transformou num garoto estudioso e comprometido com os afazeres escolares.

O pai, Sr. Alexandrino foi quem providenciou suas primeiras experiências com o piano, ao matricular o filho com 7 anos de idade, no curso de música da Rua do Aragão, no Recife. O curso era do maestro Waldemar de Almeida, pai do também maestro pernambucano Cussy de Almeida. Embora a família de Fábio por estes tempos, tenha resolvido morar em Olinda, não foram prejudicadas as suas aulas de piano. Fábio deu continuidade aos seus estudos com aulas particulares, em Olinda, com o maestro Júlio Braga. Aos 9 anos de idade foi estudar no Conservatório Pernambucano de Música, tendo nesta época, sido presenteado, pelo seu pai, com seu primeiro piano: um Pleyer. Fábio permaneceu no Conservatório até seus 18 anos.

De seu pai herdou o gosto pela música clássica, que nela se inspirava para produzir pictóricas paisagens, em inúmeras telas no ateliê que ainda hoje possui em casa. Sua parcela de contribuição na formação artística de Fábio deve-se também ao hábito do Sr. Alexandrino compartilhar com seu filho a atividade prática da Arte Bonsai: uma arte que enfatiza a beleza do tempo e mais ainda os seus efeitos. Tal experiência potencializou em Fábio a interiorização de conceitos, a imaginação, a afetividade, a criatividade e desenvolveu a capacidade de observação, valorização pessoal, respeito a natureza e a socialização. Foram estes importantes valores no seu processo de construção cognitiva e que mais tarde veio a refletir-se na sensibilidade de seu fazer artístico musical.

Sua infância foi calma, dividida entre as brincadeiras na praia de Olinda e as peladas de futebol com os colegas durante as férias escolares. No Conservatório Pernambucano de Música, estudou piano e violino paralelamente, dedicando-se também à bateria. Seis anos mais tarde, ainda no Conservatório, participou como violinista em uma orquestra jovem, regida pelo maestro Duda e tocou numa Big Band como pianista. Foi um importante marco na sua vida, pois dois anos mais tarde, ao sair do Conservatório já incluía a música nos seus planos de vida profissional, tão logo se inscrevendo na Ordem dos Músicos de Pernambuco.

Em meados dos anos 80, aos 20 anos, começou a tocar nas boates e shows do Recife, numa tarefa difícil de administração do tempo e do cansaço, pois nesta época cursava Engenharia Mecânica na Universidade Federal de Pernambuco. Com o passar do tempo ficou difícil conciliar os estudos com a carreira e optou por dedicar-se a música abandonando por completo a Faculdade. A música instrumental era o campo musical que desejava dedicar-se e conseqüentemente pensou em cursar a universidade de Música, mas a proposta acadêmica oferecida pela Universidade Federal de Pernambuco nos seus cursos de bacharelado e licenciatura o desmotivou pela vertente conservadora do estilo clássico e dos concertos. Preferiu, então, aprimorar seus estudos sobre técnica, estética musical e harmonia por conta própria.

Tornou-se instrumentista intérprete no piano e teclado de vários estilos como jazz, o clássico, os ritmos nordestinos, os ritmos brasileiros, a música latina, a World Music e música eletrônica. Ao longo do tempo foi consolidando sua carreira ao registrar sua presença ao lado de vários artistas locais e nacionais em diversos shows e propostas musicais e a realizar mais de 800 diferentes trabalhos de gravação e produção de CDs. A sua trajetória artística percorre experiências solo, em bandas e concertos, inclusive com sua própria orquestra, produzindo jingles e trilhas para cinema, rádio e TV e peças teatrais. Realizou várias turnês internacionais e participou de vários festivais nacionais e internacionais de música divulgando os valores regionais da nossa cultura musical. Ao longo dos seu 41 anos, 20 dos quais dedicados a carreira musical, Fábio carrega energia e vitalidade suficiente para novos projetos. Atualmente se dedica a um projeto musical juntamente com mais três músicos, numa proposta de fusão do jazz com a música regional, dando ênfase aos ritmos populares como o frevo, o baião e o choro.

Recorte cultural : Questões de Arte

Já em seu início de carreira, acompanhando a noite pernambucana, tocando em bares, restaurantes, hotéis, casas noturnas, barzinhos e shows ao vivo, Fábio pode melhor observar o cenário musical quanto as tendências na execução e reprodução das músicas e seus estilos: A *reprodução* musical mecanizada, despersonalizada da forma maciça substituiu a *execução* da música por parte dos artistas e de vários grupos. A música hoje, reproduzida ao vivo, não é necessariamente vivida por quem a reproduz e muito menos por quem a escuta. De fato ela deixou de ser um fim para tornar-se um meio e tornar-se apenas uma translação sistemática da notação feita pelo compositor para a execução a cargo dos músicos. Refere-se ele à ausência de interpretação, à execução despersonalizada, fria, sem presença provocada pela cultura da massificação, pelas imposições das gravadoras, dos curtos tempos de mídia e do sucesso os quais fazem parte da cultura da diversão.

Hoje as pessoas saem de casa para ter entretenimento e não para ouvir música. Ela deixou de ser vista como um processo de interação social para ser entendida apenas como um objeto de consumo. Lamenta o atual sistema imposto e as fórmulas de sucesso baseada na massificação e no lucro e questiona o modelo de patrocínio e o sucesso urgente; a cadeia produtiva da música e seus mecanismos persuasivos e predatórios advindos da indústria cultural a exemplo do que acontece nas rádios com a música no duvidoso papel entre ser um produto cultural ou um produto comercial.

Para Fábio, apesar da evolução da qualidade de gravação e transmissão digital e da facilidade de acesso da população às obras musicais de qualidade que antes ele não tinha, o público não se tornou mais seletivo e exigente. Ele não tem capacidade crítica sobre a música que lhe é imposta, e isto não ocorre somente no Brasil, mas em diversos outros países, como pode constatar durante suas turnês internacionais.

Música como filosofia

A música para Fábio é uma filosofia de vida. Ela é uma invenção recíproca e indissociável do compositor e do mundo, e nesta visão, ele não enxerga a distinção do músico e da música. É tão profunda sua intimidade com este “fazer artístico” que ele não se acolhe nos efeitos estéticos das experiências literárias para sentir o mundo. É na experiência da criação musical que ele como compositor, encontra aquela sensação de suspensão do tempo, de sensibilidade afetiva, de estados de desaceleração e espera próprias de um fruidor de Arte. É através da música que ele realiza a sua leitura do mundo e que a considera como um evento único, porque mesmo que se repita uma peça musical, ela nunca se faz ouvir de maneira idêntica à execução anterior.

Ele entende a música como sendo a manifestação de crenças e de identidades. Ela é universal quanto à sua existência e importância em qualquer sociedade e deve ser entendida não apenas a partir de seus elementos estéticos mas, como uma linguagem, como uma forma de comunicação com seus códigos próprios.

Do Processo criativo

Atraído pelo jazz, em especial pelo seu uso improvisacional da estrutura musical, nele encontra a base para usar uma variedade de ritmos e harmonias alteradas e introduzi-las enquanto toca uma composição. Diferentes interpretações da idéia inicial podem ser oferecidas e novas idéias e outras interpretações podem ser exploradas. Em seu processo criativo utiliza muito de sua imaginação auditiva enquanto toca e a usa não somente como um foco improvisacional, mas para se orientar em relação a sua posição temporal, harmônica e melódica na música. Considera o jazz uma inspiração da excelência no desempenho de qualquer músico e gosta das sutilezas, das ambiguidades e dos subentendidos que oferece e em especial do inesperado que nele se incorpora.

A improvisação no processo criativo é algo que Fábio põe em dúvida pois o improviso obedece às regras de combinação e relação entre aqueles toques que servem de referência para a concepção musical e que não deve ser aqui confundido com a improvisação do jazz. Pode haver um desenvolvimento inesperado mas sempre dentro da cultura musical. Desta forma o que os músicos chamam de improviso na verdade não existe porque não se pode ignorar o aspecto objetivo das regras musicais, e sob esta premissa, está um bom instrumentista e um bom compositor que impõe sua versão pessoal.

Seu processo de composição envolve tudo o que pode captar da paisagem sonora natural e cultural e do potencial comunicativo, emocional e expressivo do som da nossa cultura. Capta a pluralidade do brasileiro que numa mesma sala-de-estar de uma casa de classe média urbana de uma grande cidade brasileira escuta gravações de ópera, sinfonias, música de câmara, jazz, blues, rock, lambada, carnaval, samba, pagode, axé music, salsa, bolero, flamenco e World Music.

Também das sonoridades que provêm de atividades ou ações físicas de fenômenos naturais, ele faz uso nas suas composições, utilizando seu potencial extraído da parafernália tecnológica existente no seu estúdio.

Fábio possui um estúdio de gravação há 10 anos onde faz suas produções, mixagens e masterizações utilizando programas, sintetizadores e plugins de última geração de diferentes plataformas de trabalho como Nuendo ProTools, Reason, The Grand, Halion, Giga Sample e outros com teclados Roland Kurzweil e Korg

Da música nordestina

Sobre a música nordestina ressalta a sua afinação e a convivência pacífica e muito criativa de vários instrumentos como acordeon, os estilos vocais do aboio e as bandas de pífanos. Esta paisagem sonora, formada por timbres característicos, maneiras próprias de entoar a voz, os sons, ruídos e falas locais marcam uma leitura que o nordestino faz do mundo. Segundo Fábio, a simultaneidade de elementos na música pernambucana, mostra a forma como a tradição é vista pelo nordestino que pode abarcar elementos da globalização sem destruir ou renegar suas origens. Essa foi a proposta do mangue beat, do Chico Science por exemplo.

Ressalta também a enorme contribuição negra ao referir-se ao cerne estrutural da música africana, seus tons e timbres que tiveram uma enorme influência no Brasil e na nossa música pernambucana em especial, sendo responsáveis pela variedade de repertórios da música brasileira e que funcionam como orientação para as demais partes da música na sua linha temporal.

Admira o trabalho dos maestros pernambucanos Edson Rodrigues e Clóvis Pereira, e de seu parceiro, o guitarrista Luciano Magno. Sobre os bateristas, registra que Pernambuco evoluiu muito no cenário musical como também nos metais e elege nosso Estado como “A Terra dos Metais” pelo excelente trabalho dos saxofonistas, trompetistas e trombones nordestinos. Desta geração cita os músicos Fabinho, Zé Maria, Spok, e Gustavo. No baixo cita Tony Dias e Bráulio, o sanfoneiro Genaro e o pianista Marquinhos Diniz o qual considera seu trabalho de excelente performance.

No cenário nacional tem acompanhado o trabalho do pianista arranjador e instrumentista César Camargo Mariano e do grupo Curupira. Nomes como Hermeto Pascoal, Sivuca e Dominginhos tem merecido destaque no rol de músicos que para Fábio, apresentam técnica aprimorada e criativas e talentosas performances musicais. Sobre o cenário produtivo em Recife, percebe que os artistas, tanto para a produção de CD ou de Shows, sofrem com dificuldades financeiras desde os estúdios de ensaios até a contratação de profissionais, com qualificação adequada e da existência de vários problemas na cadeia produtiva da música.

Sobre a profissionalização do setor acredita nas iniciativas como a do Conselho Nacional de Políticas Culturais, nas câmaras setoriais, dos sindicatos de música, na criação do Fórum Permanente da Música de Pernambuco (FPMPE) para minimizar os problemas. A estrutura de um mercado voltado para a produção e divulgação de CD encontra-se à mercê das gravadoras de grande porte e o setor público é incompetente na utilização dos meios de divulgação, deixando de empreender ações concretas para promover os CDs produzidos no Recife. Então articulações com a sociedade são bem-vindas e podem mudar a relação do mercado de forma mais equalitária e promover subsídios para a profissionalização da nossa cultura, em especial a da música

Na intimidade

É no estúdio que possui em casa que Fábio Valois passa a maior parte do seu dia, quando não encontra-se em turnês ou tocando em eventos e shows. É casado há 13 anos com Ana Lúcia, companheira com quem divide suas conquistas profissionais e pessoais e que fortalece ainda mais suas aspirações. É ela que compete ouvir em primeira mão cada nova composição que ele cria. Dedicado ao ambiente familiar nele encontra paz e harmonia e na figura materna e paterna, uma forte presença carinhosa e dedicada. Um interessante hábito a ser destacado em Fábio é a sua paixão por mapas, num exercício de viva imaginação que o atrai por diferentes raízes e rotas, diferentes visões e ações. Talvez de forma nata, este exercício já seja uma manifestação mental da sua paixão pelo jazz, pelo que se percebe em comum nestas ações a elas incorporadas. Nos mapas, a sedução pelas trilhas e espaços convidativos, ainda não explorados por Fábio, são desafios a serem

superados. E nos arranjos ainda inexplorados próprios do processo improvisacional do jazz, há a inquietude e o desafio na superação deste *virtuose*.

Conclusão

Hoje em meio ao atropelo de tantas mudanças e influências culturais, é importante que o cidadão e mais ainda o artista tenha ciência do seu verdadeiro papel na sociedade e é importante esta fundamentação e posicionamento crítico do seu “Fazer Artístico” em detrimento das lucrativas articulações da indústria cultural, que dispersa e destrói assintosamente identidades da cultura.

O trabalho que vem sendo desenvolvido pelo músico instrumental Fábio Valois é uma destas representações do cenário musical pernambucano que vem merecendo destaque pela qualidade e técnica aprimorada de seus trabalhos. Fábio enquanto músico não é apenas um *virtuose* no jazz mas consciente de sua realidade cultural, política e social e mais ainda no relevante papel que pode exercer através da música ao expressar-se de forma crítica e com qualidade musical, influenciando no plano das idéias, àqueles que o estejam acompanhado.

Bibliografia

ANOTTI JR, J. *A Procura da Batida Perfeita: a Importância do Gênero musical para a Análise da Música Popular Massiva*. Revista Eco-Pós. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação/ UFRJ, vol.6, n.2, 2003b, p. 31-46.

MJ Hatch. *Explorando os espaços vazios: Jazz e estrutura organizacional* - Revista de Administração de Empresas. RAE, 2002 - rae.com.br

NETTI, Bruno. “*Improvisation*”. Grove Music Online. <http://www.grovemusic.com>
Consulta 1/2003

PUCCI, Bruno. *Philosophy and music in the "bildung" of Adorno*. Educ. Soc., Campinas, v. 24, n. 83, 2003.

SUASSUNA, A. et al . *O Nordeste e sua música*. Estud. av., São Paulo, v. 11, n. 29, 1997.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>

ZANELLA, A., DOS REIS, A.C., DE CAMARGO, D. et al. *Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística*. PsicoUSF. [online]. dez. 2005, vol.10, no.2 [citado 12 Fevereiro 2007], p.191-199. Disponível na World Wide Web: <<http://scielo.bvs-psi.org.br/>>

ZHOURI, A. *Árvores e gente no ativismo transnacional. As dimensões social e ambiental na perspectiva dos campaigners britânicos pela Floresta Amazônica*. Rev. Antropol., São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>